

JOVENS UNIVERSITARIOS E TERRITÓRIOS CIRCULATÓRIOS: CONECTADOS, DIFERENTES E DESIGUAIS

Grupo de trabalho nº25

Elmir de Almeida – Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto (USP)
Maria Elena Villar e Villar – Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA)
Vanderlei Mariano - Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA)

Resumo

Abordar-se-á resultados de pesquisa comparativa em andamento, em duas universidades públicas paulistas de meios urbanos. Focalizaremos o tema da circulação dos universitários por territórios físicos e o da Internet, enfatizando as similaridades, diferenças e desigualdades constatadas em seus processos de circulação, de produção de sociabilidades, e as interações que estabelecem com os bens culturais e os atores sociais inseridos no *cyber* espaço. Os dados levantados nos permitem levantar a hipótese de que os modos como os universitários pesquisados transitam por distintos “territórios circulatórios” têm as marcas de seus múltiplos pertencimentos, porém, sinalizam também para os diferentes processos de individuação que experimentam na vivência da juventude. Nas diferentes fases da pesquisa, temos nos valido de abordagens quantitativa e qualitativa.

Palavras-chave: jovens universitários, “territórios circulatórios”, classe média.

Introdução

Desde o início do mês de junho deste ano, grande parte da sociedade brasileira vem assistindo uma série de manifestações coletivas que vêm tomando as principais avenidas e ruas de grandes e médias cidades do país, de norte a sul, apresentado uma série de virulentas críticas aos atores do sistema político tradicional. As manifestações expressam questões e demandas diversas por direitos sociais, políticos e culturais, fazendo emergir uma multiplicidade de narrativas, a primeira vista difíceis de serem compreendidas pela novidade que carregam.

Os atos coletivos adquiriram um caráter enigmático para diferentes atores sociais e institucionais, sobretudo aos vinculados aos poderes executivo e legislativo, aos *mass media – locais e internacionais*, aos partidos políticos e, inclusive, para segmentos do universo acadêmico-universitário nacional, que vem se esforçando para decifrá-las e elaborar análises menos impressionista sobre as mesmas¹. Entretanto, nas movimentações que assistimos, há determinados componentes sobre os quais é possível extrair alguns consensos: as atuais manifestações se diferenciam das manifestações coletivas que tivemos no Brasil em décadas passadas, dado seu caráter político de auto convocação e auto representação. Além disso, elas contam com uma forte presença de segmentos juvenis que, pela mediação da Internet e das redes sociais, se articulam, delineiam pautas reivindicatórias multivariadas e estabelecem uma intensa circulação entre a rua e o mundo virtual, entrelaçando o mundo privado, as redes sociais virtuais e o espaço público.

A mobilização de cidadãs e cidadãos nas ruas, levada a cabo por meios eletrônicos de comunicação social, particularmente as redes sociais, influenciaram enormemente a agenda política dos governos em todas as suas instâncias: federal, estaduais e municipais. (...) A mobilização cidadã nas ruas a partir das redes sociais criou um espaço híbrido entre as redes e as ruas. Havia quem estivesse nas ruas relatando, pelas redes, o calor da mobilização social.

Havia quem estivesse nas redes, interagindo, compartilhando e se posicionando, aumentando a mobilização e amplificando o engajamento social, para muito além das ruas (Pimentel & Silveira, 2013).

Nosso intento, nesse texto, não é o de elaborar uma interpretação das recentes movimentações coletivas que emergem no espaço público brasileiro, mas de deixar claro que o estudo que estamos realizando tem relações diretas com as expressões coletivas acima mencionadas, na medida em que nos propusemos a investigar e compreender os jovens universitários de meios urbanos, suas práticas circulatorias pelos territórios físico e virtual (ou numéricoⁱⁱ) e as sociabilidades que estabelecem no *cyber* espaço.

Em termos de investigação, não nos propomos a pesquisar a celeridade com que avança as novas mídias e as tecnologias de informação e comunicação entre os jovens, mas fundamentalmente enfrentar novos desafios epistemológicos e metodológicos no campo dos estudos da juventude, desenvolvendo **estudo comparativo** acerca das interações e os modos como jovens universitários de meios urbanos transitam por territórios circulatorios de espaços físicos e da *Web*, de maneira a mapear e compreender suas práticas circulatorias **nos** e **entre** os territórios físico e virtual. Interessa-nos, ainda, compreender como tais práticas informam ou conformam a construção de sociabilidades, seus processos de socialização e individuação na atualidade. Na primeira fase de nossa investigação, temos lançado mão de procedimentos próprios da abordagem quantitativa, mediante a aplicação de questionário com questões abertas e fechadas. Na segunda fase, temos nos validos de entrevistas, com roteiro aberto.

A escolha dos jovens universitários se deu em função das contribuições que encontramos em resultados de pesquisa coordenada por Gatti e Sá Barreto (2009) sobre estudantes universitários brasileiros vinculados a cursos superiores que conduzem à carreira docente, os quais dão conta de que são tais sujeitos os que mais manejam as NTICs e de que eles não fazem um uso unívoco delas, a partir de seus lugares de moradia e estudo. Nossa escolha se viu duplamente reforçada, pois os frutos de pesquisas realizadas pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGIB (2010, 2011, 2012) assinalam que são os jovens entre 16 e 24 e 25 e 34 anos de idade os que mais acessam e usam o computador, a internet e a telefonia móvel no país. Desse modo, temos dialogado com jovens estudantes do ensino superior, situados em distintos meios urbanos e de diferentes carreiras universitárias. Nossas interações têm ocorrido com estudantes matriculados em duas instituições universitárias, instaladas em localidades distintas do estado de São Paulo: Santo André e Ribeirão Preto.

Tanto a cidade de Santo André como a de Ribeirão Preto, representam os processos de crescimento, desenvolvimento e mutação socioeconômica, cultural e política que têm marcado a sociedade brasileira na transição do Século XX para o XXI. A primeira situa-se na Região metropolitana da Grande São Paulo, e tem sua história marcada por abrigar a indústria automotiva do país desde 1950; contudo, a partir dos anos de 1980 a localidade vem experimentando as vicissitudes dos fenômenos da desindustrialização, do avanço da automação dos processos produtivos e de gestão do trabalho, e a ampliação do setor terciário, o que têm provocado mudanças tangíveis na esfera do trabalho, do emprego e do desemprego, que afetam de modo mais agudo os segmentos juvenis ali inseridos. Nessa cidade, nossa interação ocorre com estudantes do Centro Universitário Fundação Santo André – CUFSA, fundação pública municipal, de direito privado, o que lhe permite praticar a cobrança valores mensais pelos cursos oferece.

Já Ribeirão Preto é uma localidade urbana não metropolitana, incrustada no nordeste do estado de São Paulo, e representa outra face do crescimento, modernização e mutações do capitalismo brasileiro. Desde os anos de 1980, aquela cidade integra o que alguns economistas denominaram de região da *Califórnia brasileira* ou *paulista*, tendo em vista os processos de modernização e “monetarização” endógena e exógena de seu setor econômico, que têm contribuído para a expansão das

indústrias de transformação, da agroindústria, do agronegócio e do setor de serviços (Jannuzzi, 1995). Nesta localidade, nossa interação estabeleceu-se com estudantes vinculados à Universidade de São Paulo – *campus*-Ribeirão Preto – USP-RP, autarquia pública, criada pelo governo do estado de São Pauloⁱⁱⁱ.

Nos contingentes demográficos das duas cidades e nas cidades dos respectivos entornos, há uma forte representação da heterogeneidade que habita a classe média brasileira, assim como há representantes dos novos segmentos de trabalhadores que segundo denominação de Souza (2010) são os “batalhadores brasileiros”. Esses últimos são assim denominados porque desde os anos de 1990, mesmo tendo se reposicionado na esfera do trabalho e do emprego formal, têm ascendido economicamente, se deparam com constrangimentos no acesso e usufruto dos produtos da cultura, bem como dos direitos vislumbrados pelas políticas públicas de bem-estar social em vigência no Brasil, as áreas da educação, da saúde, da previdência social, entre outras (Pochmann, 2012; Souza, 2010; Souza & Lamounier, 2010).

Jovens universitários, urbanos, de diferentes estratos da classe média

Os elementos enigmáticos que carregam as manifestações que ganharam a arena pública no “junho brasileiro” se devem à extensíssima e heterogênea pauta de reivindicações^{iv} e a aguda rejeição que um contingente significativo de jovens demonstrou à presença e apoio dos partidos políticos, das centrais sindicais, dos sindicatos e de conhecidos atores coletivos como o Movimento dos Sem-Terra – MST ou de identidades coletivas do movimento LGBT, entre outros. As dificuldades de compreensão das manifestações foram delineadas de forma clara pela correspondente de *El Clarin* no Brasil:

El estallido de la juventud brasileña, que (...) se propagó a las capitales del nordeste y centro del país, dejó perplejos a los gobernantes, nacionales, provinciales y municipales. Pero tampoco los periodistas, los intelectuales y los analistas de todas las especies, atinan a explicar la magnitud de este movimiento. (...) En la capital paulista, donde más de 60.000 personas ocuparon una de las principales avenidas de la ciudad, predominaban los jóvenes estudiantes, los profesionales, los profesores y los empleados. **En su mayoría, muchachos que proceden de la clase media. Pero también había chicos que vienen de las llamadas nuevas clases medias, de familias que ascendieron socialmente en la última década.** En Río, en particular, fueron numerosos los grupos juveniles que descendieron de las favelas (*El Clarin*, 18/6/2013, grifos nossos).

Assim, as manifestações tornaram visível uma multiplicidade de narrativas que não nos permitem mais tratar os jovens como um grupo internamente homogêneo. Os resultados da pesquisa aqui apresentados iluminam, em alguma medida, esse debate. Os dados que levantamos revelam semelhanças e diferenças entre os estudantes das duas universidades estudadas, porém as diferenças que apreendemos anunciam a existência de desigualdades que impactam decisivamente nas possibilidades de circulação no mundo virtual, no mundo real e entre eles.

Jovens universitários: classe média ou batalhadores brasileiros?

Os dados levantados juntos aos estudantes das duas Instituições revelam o processo de expansão e rejuvenescimento por que vem passando o ensino superior brasileiro nas últimas décadas (Pinto, 2004; Brasil.Inep, 2012), e as idades dos universitários do CUFSA da USP-RP são expressões de tal processo nos meios urbanos, conforme dispomos no Gráfico 1. Contudo, tal realidade se manifesta diferencialmente nas duas Instituições, pois enquanto no CUFSA a proporção de jovens entre 17-24 anos era de 80%, na USP a proporção subia para 92%. Os dados diferenciais sobre as idades dos jovens

pesquisados não podem ser analisados isoladamente, pois quando os associamos aos relativos à auto-representação que eles têm sobre “cor da pele” as diferenças se ampliam: se os dois grupos de universitários são predominantemente brancos, aqueles da universidade pública são “mais brancos” (84%) do que os da fundacional-comunitária (72%) (Gráfico 2). Quanto ao recorte de gênero temos que tendências inversas nas duas universidades (Gráfico 3), mesmo que as diferenças entre elas sejam bastante pequenas: no CUFSA predominam os homens (51%) e na USP-RP, a presença de jovens mulheres é ligeiramente superior (54%) do que os seus pares homens (46%).

Ao avançarmos na leitura dos dados levantados, nos demos conta de que as pequenas diferenças – etárias, de “cor da pele” e de sexo, nos conduzem ao campo das desigualdades históricas que marcam a sociedade brasileira e, em seu interior, contingentes significativos de sua juventude. Henriques (2001), ao analisar a histórica desigualdade racial no Brasil, constatava que “*a pobreza concentra-se fortemente na infância e juventude mas, de forma ainda mais categórica, entre os negros dessas faixas etárias*” (p.14), a isso se acrescenta a desigualdade histórica que envolve as mulheres na relação que estabelecem com os homens. Esse fenômeno evidencia-se em Santo André, região operária, e não em Ribeirão Preto.

Os dados relativos ao trabalho, à renda familiar e à escolaridade dos pais e das mães vêm definitivamente caracterizar a desigualdade entre os jovens das duas universidades. Se é flagrante que as duas Instituições tem acolhido cada vez mais jovens provenientes de distintos estratos da classe média brasileira - das classes médias mais aquinhoadas e também filhos da classe trabalhadora que tem ascendido economicamente no país - os “batalhadores brasileiros”, verificamos que do total de estudantes de 17 a 24 anos do CUFSA, 94% são estudantes-trabalhadores, enquanto na USP-RP o percentual de jovens na mesma situação é diametralmente inverso, atingido apenas 8% (Gráfico 4). Além do mais, entre os estudantes do CUFSA que combinam os ritmos da escolarização e do trabalho, 45% deles trabalham 40 horas ou mais/semana e 28%, entre 20 e 40 horas semanais. Dos 94% de universitários-trabalhadores do CUFSA, 55% mantinham relações contratuais formais na esfera do emprego, porém 45% dele trabalhavam em situação precária, sobretudo no setor de serviços. Esse conjunto de dados no leva a considerar que enquanto os universitários da USP-RP vivem a condição juvenil como uma espécie de “moratória social” (Margulis y Urresti, 1998) o mesmo não acontece com grande parte dos estudantes do CUFSA, pois eles experimentam “a confluência de vários processos socializadores na experiência juvenil”, na medida em que em seu cotidiano eles vivenciam, ao mesmo tempo, processos socializadores conformados pela família, pela escola e pelo trabalho, levando-nos a considerar com Sposito (2005) que no Brasil o “trabalho também faz juventude e se torna demasiadamente complexa a construção sociocultural da categoria juventude, em nosso país, sem a sua mediação efetiva e simbólica” (Sposito, 2005, p. 226). Mas aqui é necessário precisar que o trabalho produz certos segmentos juvenis, a exemplo da maioria dos estudantes do CUFSA, e não outros, como os jovens universitários da USP-Ribeirão Preto. Neste caso específico a oposição entre eles é claríssima.

No plano das diferenças constatadas entre os dois conjuntos de universitários, os dados apresentados no Gráfico 5, sobre a renda familiar mensal dos núcleos familiares de origem, não revelam grandes diferenças nos indicadores, no entanto, no caso dos estudantes do CUFSA, o salário que auferem mensalmente compõem a renda familiar, transformando a sua situação bastante diferente daquela dos estudantes da USP-RP.

Os indicadores da bagagem cultural escolar de pais e mães dos universitários pesquisados também diferenciam os grupos de universitários: pois os dados atestam que os progenitores dos estudantes da USP-RP atingiram maior número de anos de estudos do que os dos estudantes-trabalhadores do CUFSA, se considerados aqueles que acessaram o ensino médio, o ensino superior e os estudos pós-graduados (Gráfico 6).

Nessa dimensão da vida familiar dos jovens-estudantes das duas Instituições, verifica-se também que cada uma delas apresenta tendências diferentes das nacionais. Nacionalmente, são as mulheres que conquistaram maior número de anos de estudos do que os homens, conforme indicadores de escolaridade do conjunto demográfico brasileiro das últimas décadas, parecendo demonstrar que as desigualdades históricas existentes na fruição do direito à educação escolar têm atingido mais os homens do que as mulheres, pois são elas que têm percursos mais longevos de escolarização do que os homens (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2012)^v. Entretanto, essa realidade nacional pode ser verificada apenas na USP-RP. No CUFSA, as mães têm escolaridade maior do que os pais somente até o ensino médio.

Assim, da composição dessas diferenças percebe-se a configuração de uma desigualdade. Uma desigualdade que precisa ser entendida no atual contexto do debate sobre a questão da composição classe média no Brasil, no presente. Por isso é importante discutir a própria compreensão de classe média para dar conta da compreensão dos estudantes das duas universidades, mesmo que de forma rápida e aproximada, para não cair no debate vazio sobre essa questão.

As visões sobre classe social são diferentes segundo, por exemplo, Marx e Weber, conforme apresentam Deubel & Montoussé (2002). Para Marx, classe social é um conjunto de indivíduos que devem preencher três condições: ocupar um lugar preciso nas relações de produção; ter consciência de sua situação comum e de seus interesses coletivos; e se organizar para defender seus interesses. Já para Weber trata-se de um conjunto de indivíduos que têm as mesmas chances de acesso a bens e serviços vendidos no mercado. Assim, as visões são extremamente diferentes e revelam que o rendimento não pode ser parâmetro para a definição de classe, tal como vem sendo discutido por muitos no Brasil.

Feita esta brevíssima consideração, pode-se entrar no debate sobre a classe social de nossos estudantes.

As duas situações acima descritas impactam desigualmente não apenas a condição juvenil dos universitários que temos estudado, mas também a vida escolar dos mesmos e também as práticas circulatórias que empreendem pelo mundo real e pelo mundo virtual, impondo-lhes esforços e modos diferenciais de se constituírem atores e usufruírem dos artefatos, produtos e processos culturais de que dispõem.

Jovens universitários dos meios urbanos e experiências por territórios circulatórios

Para compreendermos as práticas que os universitários empreendem pelos diferentes territórios dos mundos físico e digital, nossa principal fonte de referência são as contribuições de Tarrus (2000, 2002), pois em seus estudos sobre a “mundialização por baixo” ele nos alerta que os processos de circulação ou mobilidade compreendem elementos espaciais – os pontos de partida e chegada, mas também múltiplas temporalidades, pois os sujeitos carregam com eles a história do lugar de origem, história que interfere nos processos socializadores que impõem e vivenciam aos/nos lugares de chegada. Para Tarrus,

todo espaço é circulatório, mas nem todo espaço é território. A noção de território circulatório constata a socialização de espaços segundo lógicas de mobilidade. Essa noção introduz uma dupla ruptura nas acepções comuns de território e da circulação. Em primeiro lugar nos sugere que a ordem nascida dos sedentarismos não é essencial à manifestação do território, em seguida, exige uma ruptura com as concepções logísticas das circulações, dos fluxos, para conferir sentido social à mobilidade espacial. (...) A noção de território circulatório constata uma certa socialização dos espaços suportes aos deslocamentos. Os indivíduos se reconhecem no interior dos espaços que eles investem ou atravessam no decorrer de uma historia comum da migração,

iniciadora de um vínculo social original. Estes espaços oferecem recursos simbólicos e fatuais do território (Tarrus, 2000, p. 55-6; Tarrus, 2002, s/p, tradução livre).

A partir desse operador analítico foi possível constatar tanto semelhanças como diferenças e desigualdades, nos processos circulatórios dos universitários pesquisados. No caso dos estudantes do CUFSA, 87% deles vivem e moram na região em que a Universidade está instalada. Para eles, possivelmente, a escolha da universidade que frequentam passa pela relativa facilidade em seu acesso físico, mas também em virtude das dificuldades que encontram nos deslocamentos que realizam entre **casa-trabalho-escola**. Entre eles, tal triangulação evidenciou-se como pontos fixos de circulação pelo espaço físico de Santo André ou nas espacialidades das localidades do entorno, aqueles pontos funcionam como âncoras que os fixam nos contornos daqueles territórios, espaços nos quais são socializados, mas também imprimem suas marcas socializadoras.

Por outro lado, entre os estudantes da USP-RP, apenas 39% deles vivem e moram em Ribeirão Preto ou nas cidades situadas em seu entorno, 60,7% provêm de localidades de diferentes quadrantes do estado de São Paulo e do país. Tal situação evidencia que esses universitários conformam práticas circulatórias dissimiles daquelas que marcam o cotidiano dos jovens-estudantes-trabalhadores do CUFSA. (Gráfico 7). Entre os estudantes da USP-RP, que não trabalham, os deslocamentos tem outra complexidade, pois os pontos fixos tendem a ser os que recobrem os espaços da **casa-escola-casa**. Já para aqueles que devem se afastar do núcleo familiar de origem, situado em outras localidades do país, afim de viverem a “quarentena” do ensino superior, as práticas pelos territórios circulatórios passam necessariamente pela experiência da migração - transitória ou não. Tal situação lhes impõe novos investimentos no plano das sociabilidades, novos arranjos socializadores, exigindo-lhes diferentes “suportes”, materiais e simbólicos, “para sustentarem-se frente ao mundo”, e preencherem as ausências – provisórias ou não – dos recursos, afetos e sensibilidades próprias ao círculo familiar ou das relações sociais que deixaram nos territórios de nascimento e de vivência da infância-adolescência, pois já observou Martuccelli: “la idea de un individuo que se sostiene desde el interior, solo, és una imagen heroica perfectamente alejada de la realidad (Martuccelli, 2012, p.36).

Se “no hay individuo sín suportes” (Martuccelli, 2012, p.36), assim o é também para os jovens universitários do CUFSA e os da USP-RP, entretanto, os dados que dispomos até o momento sinalizam para o fato de que os “suportes” que eles reclamam ou acionam não são necessariamente idênticos, ou se o são, não são acionados e usados com o mesmo sinal e mesma finalidade: caso evidente são os territórios circulatórios do espaço físico nos quais movimentam, mas também os relativos ao acesso e uso dos transportes coletivos, de moradia estudantil ou “aluguel social”, programas sociais públicos que contribuam para uma integração menos tensa e conflitiva à esfera do ensino superior e que implicariam o acesso a subsídios para a alimentação, a intercâmbios culturais no exterior, a bolsas de estudo etc.

É preciso assinalar que as diferentes práticas pelos territórios circulatórios dos estudantes do CUFSA e da USP-RP, permitem reter para a análise, ainda que de modo preliminar, o fato de que eles vivem jogos diferentes nos processos de produção identitária, se para a grande maioria dos estudantes-trabalhadores do CUFSA seus processos socializadores e identitários estão fortemente ancorados na tríade que conformam os pontos fixos anteriormente assinalados, para os universitários USP-RP, neste caso, é necessário constatar diferenciações, pois para mais da metade deles é preciso considerar a experiência social e cultural da migração e a assunção do estatuto de migrantes na experiência estudantil, e como uma das trajetórias que assumem na transição para a vida adulta.

Mas os dados que levantamos até o momento indicam que nossos interlocutores não reduzem seus movimentos, interações e experiências juvenis apenas por territórios circulatórios do mundo físico, eles nos informaram, também, que circulam pelo “território numérico”, o território virtual da Internet.

Conectados: semelhanças, diferenças e desigualdades

No CUFSA, 96% dos estudantes informaram que acessaram a internet nos últimos 3 meses que antecederam o preenchimento do questionário da pesquisa, e 42% deles afirmaram que é com a Internet que gastam mais tempo, do pouco tempo livre de que dispõem. Na USP-RP a proporção é quase idêntica, pois 95% dos estudantes informaram que realizam a mesma prática todos os dias. Assim, é inequívoco que os universitários pesquisados incorporaram à vida cotidiana a Internet e a circulação por suas *autoroutes* (Boullier (2010), conforme Gráfico 8.

Ao nos valermos de uma perspectiva mais dialógica no contato com os subgrupos, o que verificamos é que as práticas circulatorias que estabelecem no cyber espaço se dão a partir de espaços como a casa dos pais, a faculdade, a casa de amigos, e o lugar de trabalho - caso dos estudantes do CUFSA. Para tanto, lançam mão do computador “de mesa” (*PC*), *notebook/laptop* ou telefone móvel. Contudo, os equipamentos não são necessariamente individuais, à sua utilização exigem certas negociações, que os jovens empreendem às vezes com irmãos na mesma casa, ou no trabalho com os colegas e com o próprio tempo de trabalho, no caso de jovens-estudantes do CUFSA. Apenas o telefone móvel é de uso individual, que é exatamente o instrumento que utilizam todo o tempo, independente do ponto fixo que estejam no mundo físico, pois como sublinhou Canclini (2008) ele possibilita o mesmo tempo,

interação interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas. O caráter intermodal da comunicação sem fio modifica as formas, antes separadas, de consumo e interação, ao combiná-las num mesmo aparelho: o celular permite marcar compromissos presenciais, substituí-los, mandar e-mails, ou mensagens instantâneas, lê-los ou ouvi-los, conectar-se com informação e diversão em textos e imagens, arquivar ou eliminar a história dos encontros pessoais (p. 52).

Ainda em relação ao acesso e uso daqueles aparatos foi possível verificar que tais práticas não ocorrem à margem das instituições desde onde organizam a vida cotidiana, mas a partir delas (Winocur, 2006, p. 553), elas são marcadores ao mesmo tempo espaciais e temporais nos usos que formalizam, pois foram recorrentes a utilização de expressões como “antes” - de chegar à universidade, “após” - sair do trabalho, das aulas, “no intervalo” - das aulas, “durante” - o dia, à noite etc. Uma exceção a tais modos de uso e circulação ocorre quando a mediação é o telefone móvel, pois neste caso, eles afirmam que o uso ocorre o “tempo todo”. Desses modo, esses suportes tecnológicos devem ser “entendidos na sua imbricação com outras esferas da vida social” (Sorj & Martuccelli 2008, p.74).

De modo preliminar, julgamos pertinente categorizar as práticas circulatorias que os dois conjuntos de universitários objetivam no “território numérico” como sendo *instrumentais/práticas* ou *expressivas*. A partir deste esquema, pudemos identificar semelhanças, diferenças e desigualdades, seja na comparação entre os dois grupos de universitários, seja no interior de um mesmo grupo.

Do ponto de vista instrumental, são comuns aos dois grupos as trocas de correspondências eletrônicas – enviar e receber *e-mails*; a circulação por páginas eletrônicas de reconhecidos jornais do estado de São Paulo ou jornais regionais; a busca por serviços de utilidade pública – bancos, *e-governos* – estaduais ou locais, “tutoriais” para produção cultural, consultas a consultórios médicos, a grandes magazines, *sites* de grandes livrarias; a realização do *e-comercio* de bens não duráveis e de serviços – livros, sapatos, passagens aéreas etc., e ainda, a busca por trabalhos e textos acadêmicos ou materiais didáticos para uso em sala de aula ou a realização de trabalhos escolares. Em ambos os grupos é comum, ainda, a circulação por revistas destinadas a públicos específicos – de variedades, folhetins ou de atividades esportivas.

Do ponto de vista expressivo é comum aos dois grupos à circulação pelo território da Internet na busca de mediações culturais que possibilitam a vivência do lazer: buscar e ouvir músicas, buscar e

assistir vídeos musicais, de séries e de programas televisivos, assistir filmes - brasileiros ou estrangeiros, a busca de jogos eletrônicos etc. Além, das constantes circulações pelas redes sociais virtuais – *Facebook*, *Youtube*, o então *MSN*.

Contudo, ao analisarmos os dados das práticas circulatórias dos jovens estudantes por Instituição, constatamos, por exemplo, que entre os universitários do CUFSA são as mulheres, menos que os homens as que mais usam e circulam pela Internet, tanto para fins instrumentais como expressivos. No caso dos estudantes da USP-RP, o uso e a circulação se mostra mais equilibrada entre os gêneros, seja para atingir objetivos instrumentais/práticos como expressivos. Assim, foi possível apreender que homens e mulheres lançam mão de mediações que permitem “videoconferências” (*Skype* ou *MSN*) para estabelecerem diálogos em tempo real com amigos e familiares. Nesse conjunto de universitários, alguns jovens homens nos informaram, ainda, o uso e a circulação pela Internet visando encontrar parceiros/as para a prática de atividades sexuais ou, ainda, para transitarem por *sites* de pornografia.

Mas, a diferença mais significativa que constatamos nas práticas circulatórias pelo território virtual, diz respeito à busca e interações que os universitários efetivam com coletivos de natureza ético-política, neste caso foram mais os jovens da USP-RP do que os do CUFSA, os que nos indicaram a circulação por *blogs*, grupos de debates ou páginas eletrônicas de identidades coletivas comprometidas com temáticas tais como “direitos humanos”, “ativismo feminista”, “movimento estudantil universitário” etc, ou seja, por territórios virtuais nos quais os atores coletivos defendem simultaneamente o direito dos diferentes e o reconhecimento das singularidades, mas também o valor da igualdade.

E as diferenças entre os dois grupos de universitários se multiplicaram quando indagamos a alguns de seus representantes sobre os modos como se informaram e se engajaram nas manifestações do “junho brasileiro”. Tantos os representantes do CUFSA como da USP-RP relataram que buscaram informações sobre as movimentações do “junho brasileiro” interpretado pela jornalista do *El Clarin* (2013) circulando pelos ou os “sites de socialização” (Sorj & Martuccelli, p.74), sobretudo o *facebook* ou *blogs* de coletivos que estiveram visivelmente comprometidos com as manifestações, em diferentes cidades do país, a exemplo dos *blogs* do Movimento Passe Livre – MPL ou do *Anonymous-Brasil*. Entretanto, foram os jovens estudantes da USP-RP, dada a condição de moratória social que vivenciam, os que se autoconvocaram e foram as ruas, fosse para ampliar a luta pela diminuição do valor do transporte coletivo, da mobilidade urbana, pela defesa do direito à educação, ou dos direitos das mulheres os dos segmentos LGBT.

Assim, mesmo que os jovens universitários, das duas universidades, circulem pelo mundo virtual, a desigualdade se instala quando certos suportes do mundo físico estão presentes. Viver a condição juvenil enquanto moratória, sem precisar trabalhar, introduz possibilidades de circulação pelo mundo virtual que não existem para aqueles que são estudantes trabalhadores.

Considerações finais

Nos dias atuais não se fala mais de juventude como grupo homogêneo, daí a disseminação do termo juventudes. Mas, quando se trata do uso da internet e a circulação por seus territórios, o consenso de quem são esses sujeitos, mais do que outros, que circulam pelo mundo virtual, tem tendido a apagar as diferenças existentes entre indivíduos e os grupos juvenis. No caso brasileiro, isso fica ainda mais agravado quando se trata de pensar a chamada classe média. As generalizações têm tendido também a ofuscar as diferenças e desigualdades existentes entre os jovens.

O estudo exploratório aqui apresentado dá conta da importância de recuperar as transversalidades, como também as diferenças e desigualdades que marcam os jovens universitários, neste caso, de dois territórios urbanos do estado de São Paulo.

Ser um jovem universitário trabalhador ou não trabalhador, mesmo que a renda mensal familiar dos dois grupos seja semelhante, impacta decisivamente sobre a circulação no mundo virtual e as possibilidades de neste território se constituírem atores e ocupar espaços híbridos, ou seja, conectividade não é, necessariamente, sinônimo de interatividade (Canclini, 2008, p. 52). Dependendo da condição vivida, as desigualdades se multiplicam, indo da cor/raça, à participação/não participação na composição da renda familiar, à escolaridade dos pais, ao gênero, e até os modos como se movimentam, como atores sociais, nos territórios circulatorios no interior da Internet.

Os dados de nosso estudo nos permitem levantar a hipótese de que se os modos como os universitários pesquisados circulam por distintos “territórios circulatorios” dos meios urbanos são, sim, condicionados pela origem de classe dos sujeitos e pelo capital cultural escolar que detêm, mas eles sinalizam também para o fato de que eles vivenciam a juventude em meio a diferentes processos de individuação, prova cabal dessa afirmação foram às enigmáticas manifestações coletivas do “junho brasileiro”.

Notas de rodapé

ⁱCf. vídeos do Instituto de Estudos Avançados da IEA-USP, O que está acontecendo? IEA debate manifestações nas ruas. Recuperado em 21/6/2013, de <http://www.iea.usp.br/eventos/midioteca/foto/eventos-2013/o-que-esta-acontecendo-agora-iea-debate-manifestacoes-nas-ruas-21-de-junho-de-2013>.

ⁱⁱ Na França, o debate sobre o “território numérico” vem se adensando nos últimos tempos, e um exemplo do debate pode ser localizado no trabalho de Boullier (2010) para tratar de diferentes questões envolvidas em torno desta temática, dentre elas: a) um meio específico, imaterial, configurando-se como “*autoroutes de l’information*”, espaços polifônicos; b) um meio que envolve questões de poder e de controle e o nascimento de novos sujeitos de controle; c) a existência da *hub*, entendida como organizadora da web, de um espaço sem fronteiras; d) o surgimento de comunidades de autoridades presentes no território numérico e reconhecido no mundo físico; e) uma complexificação das noções de espaço e de tempo etc. Enfim, impossível ver o mundo somente a partir do território físico, topográfico, do vivido concretamente, passível de apreensão em mapas, cartografias tal como se expandiu especialmente depois do século XV.

ⁱⁱⁱ A USP foi criada pelo governo estadual de São Paulo, em 1934 e atualmente ela conta com *campis* em diferentes cidades do estado. O *campus* da USP em Ribeirão Preto data da segunda metade do século XX.

^{iv} Além da revogação do aumento da tarifa do transporte público, outras reivindicações mencionavam questões referentes à mobilidade urbana, educação, saúde, ao combate a corrupção etc.

Bibliografia

- Bayon, S. (2009). Les tic dans les collectifs diasporiques : études des bretons à New York . *Tic et Diasporas*, vol. 3, n° 1-2.
- Boullier, D. (2010). Au-delà des territoires numériques en dix thèses. *Urbe - Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 2, n. 1, p. 13-27, jan./jun.
- Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). Recuperado 08/08/2013, de <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2296&busca=1&t=censo-2010-mulheres-sao-mais-instruidas-que-homens-ampliam-nivel-ocupacao>.
- Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2012). *Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico*. Brasília: INEP, 85p.

-
- Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2010). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil: 2005-2009*. São Paulo: CGIB.
- Comitê Gestor da Internet no Brasil. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. (2011). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: tic domicílios e tic empresas 2010*, São Paulo : CGIB.
- Comitê Gestor da Internet no Brasil. (2012). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil - Tic domicílios 2012*. São Paulo: CGIB.
- Deubel, P. & Montoussé, M. (sous la direction). (2002). *Dictionnaire de sciences économiques & sociales*. Rosny-sous-bois : Bréal.
- Diminescu, D. (2005). Le migrant connecté : pour un manifeste épistémologique. *Migrations/Sociétés*, vol.17, n°102, pp.275-292.
- García Canclini. N. (2008). *Leitores, espectadores e interneutas*. São Paulo, SP: Iluminuras.
- Gatti, B. & Sá Barreto, E. S. (2009). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: Unesco.
- Henriques, R. *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90*. Rio de Janeiro, RJ, IPEA (texto para discussão n° 807).
- Jannuzzi, P. M. (1995). Distribuição de renda: o caso da Califórnia brasileira. *São Paulo em Perspectiva* 9(3), 1995, 54-61.
- Margulis, M. y Urresti, M. (1998). La construcción social de la condición de juventude. Margulis, M. *et al. Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá, DC.: Siglo del Hombre Editores; Departamento de Investigaciones Universidad Central.
- Martuccelli, D. (2007). *Cambio de rumbo: la sociedade a scala del individuo*. Santiago, LOM Ediciones.
- Martuccelli, D. (2010). La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. *Persona y Sociedad / Universidad Alberto Hurtado*. Vol. XXIV, n° 3, 9-29.
- Martuccelli, D. (2012). *Lecciones de sociología del individuo*. Recuperado em 20 de maio de 2013, de <http://departamento.pucp.edu.pe/ciencias-sociales/files/2012/06/>
- Pimentel, T. & Silveira, S. A. (2013). *Cartografia de espaços híbridos: as manifestações de junho de 2013*. Recuperado em 14 de julho de 2013, de <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>.
- Pochmann, M. (2012). *Nova classe média?: o trabalho na base da pirâmide brasileira*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Pinto, J.M.R. (2004). O acesso à educação superior no Brasil. *Educação & Sociedade*. vol. 25, n. 88, 727-756.
- Sorj, B. & Martuccelli, D. (2008). *O desafio latino-americano: coesão social e democracia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Souza, J. (2009). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Souza, A. & Lamounier, B. (2010). *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília, DF: CNI.

- Sposito, M. P. (2005). Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados. *Jovenes, Revista de Estudios sobre Juventud*, ano 9, núm. 22.
- Tarrius, A. (2000). Leer, describir, interpretar las circulaciones migratorias: conveniência de la noción de "territorio circulatorio" - los nuevos hábitos de la identidad. *Relaciones*, vol. 21, número 83, 37-66.
- Tarrius, A. (2002). *La mondialisation par le bas : les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris, Ed. Balland, 2002.
- Winocur, R. (2006). Internet en la vida cotidiana de los jóvenes. *Revista Mexicana de Sociología*, 68, número 3, 551-580.
- USP. Ribeirão Preto. Setor de Comunicação. (2012). *Aumentou o número de alunos da escola pública na USP*, USP-Ribeirão Preto. Recuperado em 22 de março de 2013, de http://www.ribeirao.usp.br/noticias_print.asp?id=136.

APENDICE

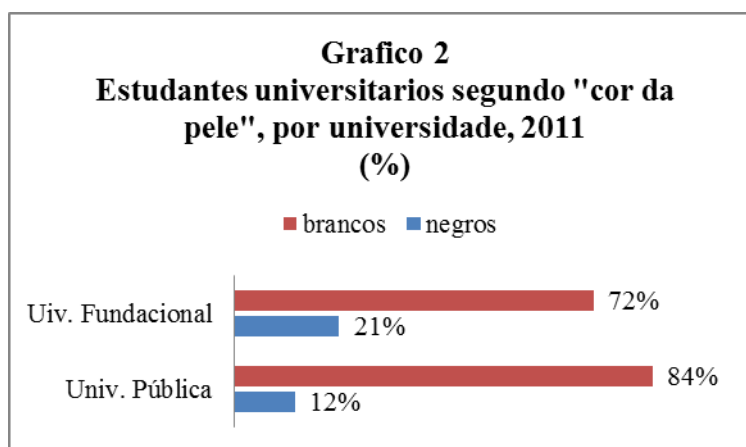
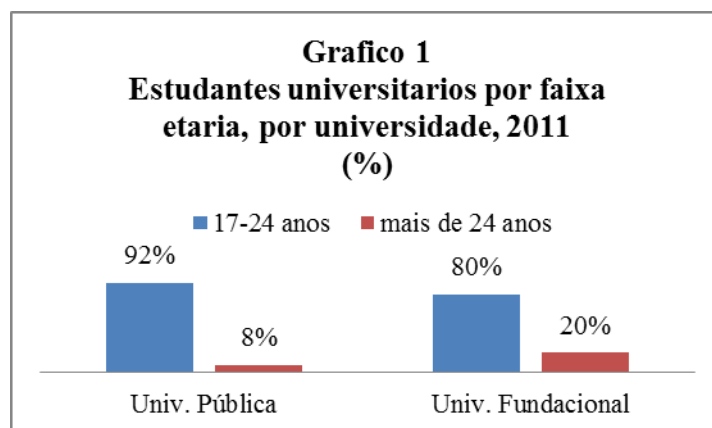


Grafico 3
Presença masculina e femininas nas duas
universidades pesquisadas - 2011
(%)

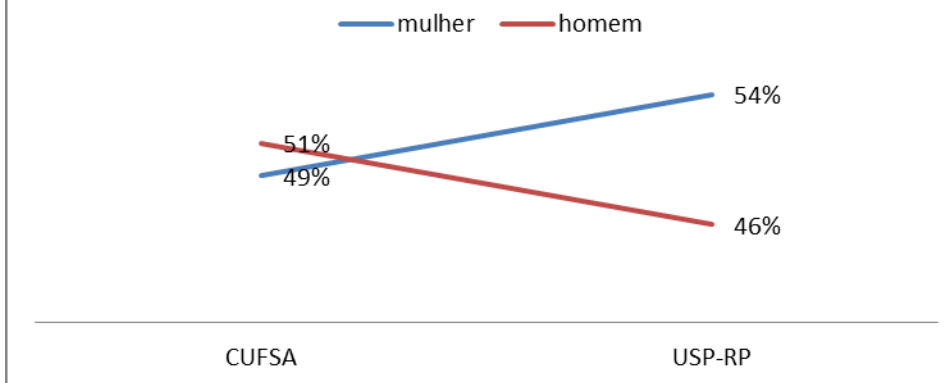
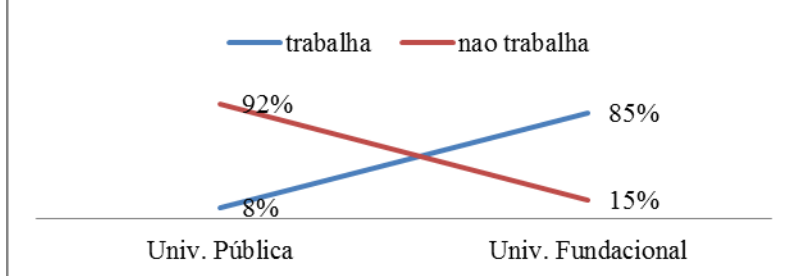


Grafico 4
Estudantes universitarios segundo trabalho,
por universidade - 2011
(%)



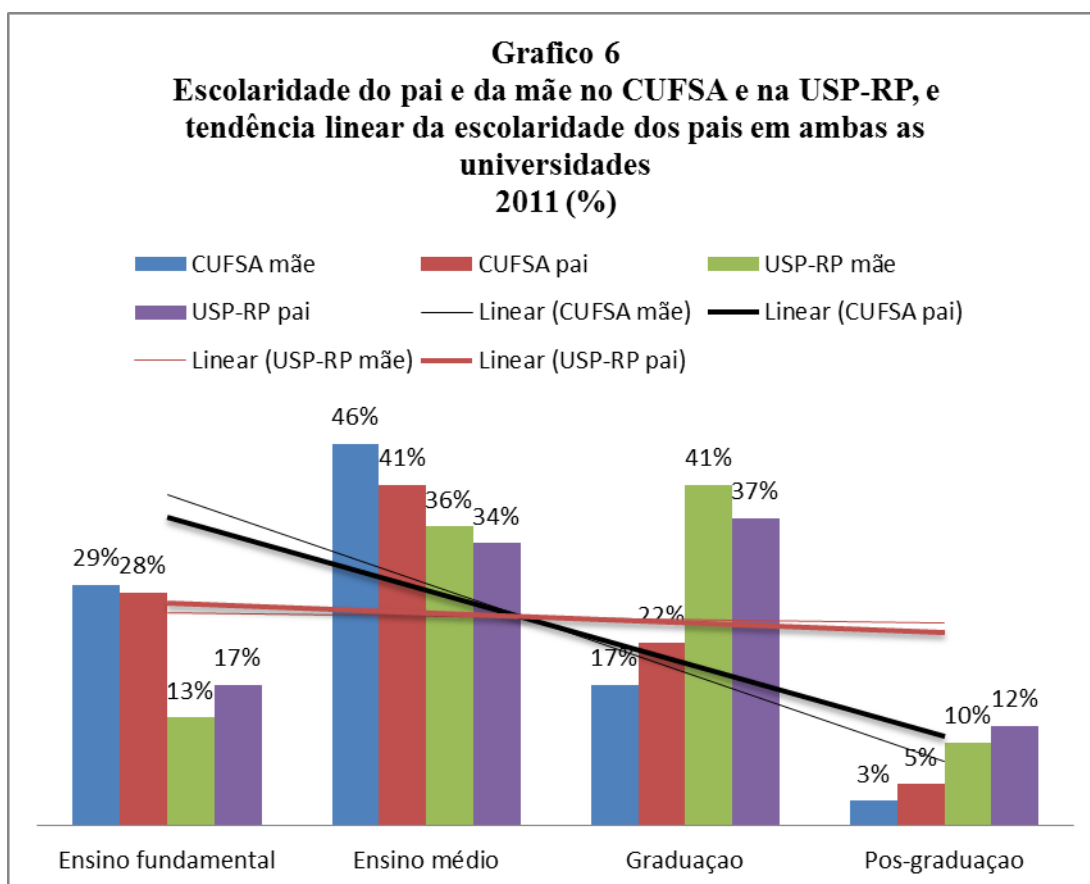
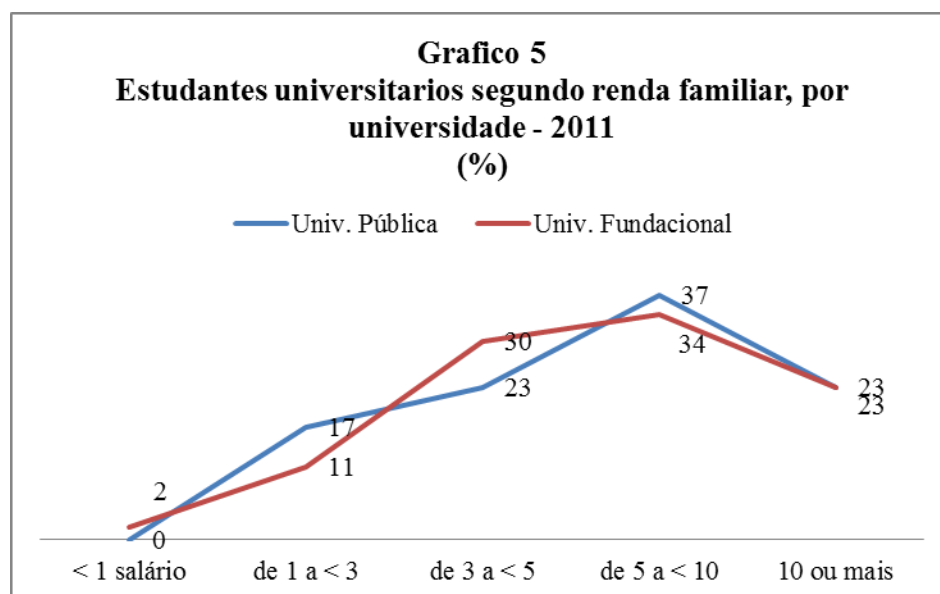


Grafico 7
Estudantes universitarios segundo local de nascimento,
segundo universidades pesquisadas - 2011

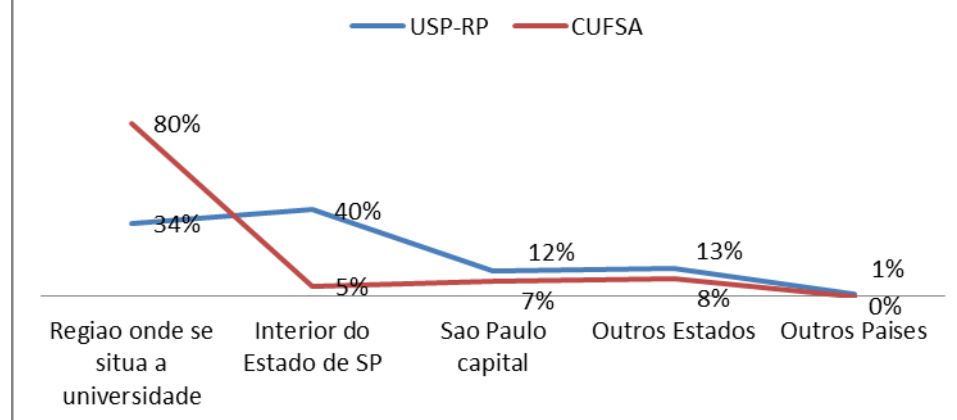


Grafico 8
Uso da internet pelos estudantes
universitarios, por universidade - 2011

